

“MÃES DE BRAGANÇA” E FEITIÇOS: ENREDOS LUSO-BRASILEIROS EM TORNO DA SEXUALIDADE¹

1. O movimento das «Mães de Bragança»

Entre 1926 a 1974 Portugal viveu numa ditadura conservadora que impunha uma forte moral de contenção sobre a sexualidade. A tradição opunha-se à modernidade e a todos os estrangeirismos que perturbassem a cultura de «bons costumes». A família era uma das mais importantes bandeiras de doutrinação ideológica do regime. No domínio da sexualidade sobressaía a função sexual reprodutora da mulher de quem se esperava que fosse uma esposa carinhosa e submissa, para além de mãe sacrificada e virtuosa. Os gestos do quotidiano estavam permanentemente sujeitos a um escrutínio moral. Para Salazar, uma mulher de bom porte não devia fumar “sob o pretexto de que era um hábito comunista”.² A mulher casada possuía poucos direitos. Para viajar ao estrangeiro, necessitava de autorização do marido mesmo que fosse para se encontrar com ele. Apesar do tradicional machismo reinante na cultura portuguesa, nos jornais afectos ao regime apareciam “discussões bizarras sobre se os homens castos eram mais potentes do que os dissolutos”.³ Os bailes eram desaconselhados por, supostamente, conduzi-

JOSÉ MACHADO PAIS*

RESUMO

Neste artigo, propõe-se um debate sobre valores e representações sociais que encapotam a sexualidade, uma vez que a melhor forma de a colocar a nu é mostrando como se veste. Essas vestimentas são artefactos retóricos que devem ser percebidos como factos de construção ideológica. Assim sendo, há que os interpretar para alcançar a realidade que encobrem. A estratégia metodológica adotada aplica-se a um estudo de caso que aborda as convulsões sociais geradas pela presença de jovens brasileiras numa cidade do Norte de Portugal (Bragança), com fortes marcas de tradicionalismo. Pela sua condição de prostitutas, sedutoras e imigrantes, elas foram olhadas como um factor de perturbação da ordem. Algumas mulheres organizaram-se então num movimento social, autodenominado Mães de Bragança, para as expulsar da cidade, acusando-as de enfeitiçarem os seus maridos com encantos e magias.

Palavras-chave: sexualidade, valores, prostituição, movimentos sociais, feitiços.

ABSTRACT

This article propounds a discussion on values and social representations that veil sexuality, considering that the most effective way of laying sexuality bare is to show how it dresses itself. Those outfits are rhetorical tools that must be perceived as facts originating from an ideological conception. As a result, one has to interpret them in order to reach the reality that they hide. The propounded methodological strategy is directed toward a case study that approaches the social unrest created by the presence of Brazilian young girls in a city in northern Portugal (Bragança) revealing a strong trace of traditionalism. Due to their social status of prostitutes, charmers and immigrants they were seen as contributing agents to the breaking of the law. Some women, then, organized themselves into a social movement, self-denominated Mothers of Bragança, in order to expel the girls from the city accusing them of bewitching their husbands by means of enchantment and magic.

Keywords: sexuality, values, prostitution, social movements, witchcraft.

* Sociólogo, Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Professor Convidado do ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa. Endereço: Avenida Professor Aníbal de Bettencourt, 9, 1600-189 Lisboa – Portugal; e-mail: machado.pais@ics.ul.pt.

rem as jovens à esterilidade e perverterem o instinto de maternidade, para além de outros efeitos colaterais indesejáveis como “insônias”, “delíquios”, “perturbações circulatorias”, “fenómenos de auto-intoxicação”, “neurósias espasmódicas”, “anomalias de memória e linguagem”, etc.⁴ Manifestações de afecto amoroso em espaços públicos – como beijos ou mãos suspeitosamente entrelaçadas – eram alvo de repressão policial por atentarem contra os “bons costumes”.⁵

Com a *revolução dos cravos*, em Abril de 1974, houve uma clara liberalização dos costumes. Porém, cerca de três décadas depois, quando em pacatas cidades do nordeste de Portugal começaram a surgir discotecas e bares promovendo um comércio sexual às descarradas, a novidade transformou-se em falatório que ecoou por cafés, esquinas de rua, jornais e homilias. Enfim, um rebuliço social. Os ânimos exaltados rodopiavam em torno de baluartes fundamentalistas de uma tradição difícil de sustentar e de uma modernidade onde todas as liberdades se poderiam alcançar. Foi neste contexto que irrompeu, em 2003, o chamado movimento das *Mães de Bragança*.

A cidade de Bragança é capital do município com o mesmo nome, o qual abrange uma área com 1174 km² e 35 mil habitantes.

Faz parte da região de Trás-os-Montes, fronteira com a Espanha, a Norte e a Leste (Ourense e Zamora). A sua localização geográfica – de fronteira – coloca Bragança no eixo de um significativo fluxo rodoviário, principalmente na última vintena de anos, por efeito das novas vias rodoviárias. Deste modo, Bragança foi dos municípios portugueses a experimentar, nas últimas duas décadas, um embate mais chocante entre tradição e modernidade. Os custos da «interioridade» levaram muitos bragançanos a emigrar para o estrangeiro ou para o litoral do país, principalmente a partir de finais do século XIX. Retornavam apenas em Agosto, mês de férias e romarias de aldeia: “As nossas aldeias perdem-se na solidão dos velhos que gastam os olhos à espera que apareçam em Agosto breve os filhos que demandaram a Europa à procura de pão”⁶.

A década da revolução de Abril coincidiu com um forte desenvolvimento da cidade de Bragança. Em 1970, mais de 70% da população activa do Município de Bragança estava concentrada no sector primário (agricultura), trinta anos depois rondava apenas os 10%. Depois da “revolução dos cravos” a área urbana triplicou em 30 anos. A expansão urbana acompanhou o crescimento da população da cidade que, na década de 1970/1981, aumentou 55%. A partir dos anos 80 o ensino superior atraiu também um considerável número de jovens.⁷ Por outro lado, o crescimento urbano da cidade contribuiu para o crescimento do sector dos serviços e do comércio. Se em 1974 a capacidade hoteleira da cidade se circunscrevia a 246 camas, trinta anos depois passa para 1234.⁸ Todo este desenvolvimento, abrupto e incontrolável, provocou um choque entre estruturas morais e económicas, tradição e progresso, conservadorismo e desregramento, demandas morais e desmandos carnavais. Os cercos da prostituição assentaram arraiais na cidade.

O movimento das *Mães de Bragança* eclodiu em protesto contra o surgimento de várias *casas de alterne* (assim chamadas por as mulheres irem alternando no contacto com os homens; bordéis disfarçados) na cidade. Pelo facto de uma grande parte das empregadas de alterne ter nacionalidade brasileira, foi grande a animosidade por parte das *Mães de Bragança* contra as brasileiras, muitas delas imigrantes em situação ilegal. Uma primeira consequência do movimento das *Mães de Bragança* foi o empolamento mediático

do conflito, galgando fronteiras nacionais, nomeadamente por efeito de uma reportagem da *Time* em Outubro de 2003⁹. Curiosos vindos de Espanha e de outros países europeus passaram a frequentar Bragança e a desfrutar dos prazeres de «alterne» numa cidade tradicional que passou a estar no mapa das rotas do turismo sexual, também por efeito da sua localização fronteira. Uma segunda consequência foi a contra-maré de protestos reactivos em defesa das brasileiras e de crítica à suposta incapacidade das “pudicas mães” darem satisfação sexual aos seus maridos. Vejamos, com mais detalhe, o enredo dos acontecimentos, a partir de dois principais registos de observação: a consulta de fontes documentais, à cabeça das quais a imprensa jornalística que reportou amplamente o conflito¹⁰; e as informações obtidas através de entrevistas informais a mães traídas, maridos traidores, prostitutas brasileiras, comerciantes, bruxas, padres, polícias e outras autoridades.

O movimento das *Mães de Bragança* esboçou-se quando algumas delas, em desabafos do quotidiano, descobriram que padeciam de idênticas maleitas conjugais. Os maridos chegavam tarde à casa, com desculpas duvidosas. Nas roupas deles começaram a farejar vestígios de perfumes denunciadores de aventuras extra-conjugais. A desconfiança galopou quando a imprensa regional deu conta de cerca de uma centena de «brasileiras» residindo na cidade de Bragança, dispostas a converter em dinheiro seduções e préstimos sexuais. Na esquina das padarias ou do mercado, o movimento das mães alastrava e, sobretudo, consolidava-se. Trocavam-se conversas, suspeitas e lamentos. Espiavam-se as listas de contactos e de chamadas dos telemóveis [celulares] dos maridos, na convicção de que andavam em braços de outras. Na verdade, os que tinham posses “metiam apartamento para elas” e as “facadas” eram dadas, discretamente, durante o dia. A maior parte, contudo, esperava pela “calada da noite”, depois da saída do trabalho. Chegando à casa “tarde e a más horas”, os desvairados maridos transformavam as suspeitas em certezas cada vez menos questionáveis. A vanguarda do movimento aprontou então um manifesto que foi entregue ao Governador Civil, ao Presidente da Câmara e ao Comandante da Polícia de Segurança Pública de Bragança. Nele se lia:

Queremos evitar fazer justiça pelas nossas mãos, mas se a isso formos obrigadas, não nos esquivaremos, pois queremos, necessitamos, e merecemos ter paz nos nossos lares, nos nossos corações [...]. Somos agora invadidas e fustigadas por dezenas de prostitutas aquarteladas em boites, mesmo durante o dia, em bairros residenciais, em todo o canto e esquina da nossa cidade. Como é possível permitir-se a continuada abertura de casas de alterne, onde o flagelo da droga e da prostituição é incrementado?! [...] E nós filhas da Terra, aconchegamo-nos na tristeza e destruição dos nossos Lares, com o peso do sofrimento, porque elas vieram aliciar os nossos maridos com falinhas meigas, canas-de-açúcar e droga à mistura!

O manifesto, segundo consta, com «centenas de assinaturas», foi fotocopiado e badalado, lido e relido. O Presidente da Câmara de Bragança tomou o manifesto como pretexto para equacionar a legalização da prostituição e solicitou um reforço de policiamento, temendo os “*hooligans* do sexo” (corria o campeonato europeu de futebol). Em contrapartida, o bispo de Bragança reivindicou «esforços redobrados» para garantir “dignidade e santidade ao casamento cristão”. A polícia intensificou a cadência das rusgas sobre casas suspeitas de diversão nocturna. Uma autoridade local avançou com uma descoberta que originou um consenso inesperado: as *casas de alterne* não tinham “livro de reclamação”: concordaram uns porque os serviços eram clandestinos; anuíram outros porque as “meninas” faziam um “trabalho impecável”. Algumas dessas casas tinham sistemas sofisticados de vigilância. Quando os proprietários pressentiam as rondas da polícia, escondiam a maior parte das “meninas”. Estas embirravam com a subcomandante da Polícia de Segurança Pública (PSP) de Bragança, por ser mulher. Preferiam os polícias homens, pois – por dotes corporais ou “falinhas meigas” – acreditavam poder trocar o estatuto de perseguidas pelo de seduzidas.

A luta iniciada pelas *Mães de Bragança* contra as prostitutas começa a ganhar contornos de oposição moral entre a decência e a indecência, a fidelidade e a

promiscuidade, a castidade e a impureza, a virtude e o vício. Perante o alastramento do movimento há os que anseiam – e também os que temem – que as “bravas mães” alastrem por todo o país a “raça” e as “virtudes guerreiras” das mulheres do norte de Portugal. Há mesmo quem evoque *Maria da Fonte*, líder de uma histórica revolta popular (Maio de 1846) com grande participação de mulheres rurais que, alastrando por todo o Norte de Portugal, derrubou governos, mergulhando o país numa guerra civil¹¹. Uma das causas da sublevação fora a proibição dos enterros dentro das igrejas, por razões de “saúde pública”, mas o povo olhava a lei como “anti-religiosa”, acreditando ter a «chancela do diabo e da Maçonaria». Agora, com o levantamento das “mães” contra as prostitutas brasileiras, as mesmas razões de “saúde pública” vinham à baila. Num caso, enterrados fora da Igreja, os mortos ficavam desprotegidos. Noutra caso, enterrados nas *casas de alterne*, os maridos deixavam as mães desprotegidas, os filhos por criar e eles próprios ficavam sob a ameaça de doenças sexuais. Tudo por “obra do diabo”. Mas agora o “diabo” vestia a pele de mulher – de uma sedutora mulher, vinda de além-mar, com “falinhas meigas e canas-de-açúcar”.¹² Na imprensa mais conservadora surgem patrióticos manifestos de apoio ao movimento das *Mães de Bragança*: “Vós, *Mães de Bragança*, bradais aos céus aquilo de que sois vítimas. Sois vítimas das mulheres de vida fácil que vos tornam difícil viver [...]. Meretrizes! Hereges! Fogueira!”. Das hostes femininas há apelos nacionalistas para que o movimento alastre a todo o país, para que se cerrem “fileiras contra as brasileiras”, numa estratégia de «olho por olho, dente por dente», deitando mão das mesmas armas das invasoras: “Mulheres do meu país, vamos acabar com as brasileiras e demais prostitutas, entreguem-se de corpo e alma aos vossos esposos, façam-nos gemer de prazer todos os dias, façam loucuras na cama!!!”.

O levantamento das «mães» desencadeou fervorosos debates sobre a problemática da legalização da prostituição. Uns revelavam-se a favor: “Não castrem as vontades dos seres humanos... legalizem tudo e dêem condições de trabalho a todos”. Os do contra avançavam medidas radicais: “Coloquem as mulheres em trabalhos honestos e os bandalhos dos chulos¹³ na cadeia”. Um conhecido “empresário da noite”, astuto

e com estatuto, decidiu entregar na Assembleia da República um abaixo-assinado com mais de cinco mil assinaturas, requerendo a legalização da prostituição. Como a resposta tardava, os mais impacientes decidiram apelar directamente ao presidente da República: “O Sr. Presidente da República [...] devia prestar mais um dos seus serviços à nação, isto é, tornar legais todas as pocilgas ilegais”. Os mais românticos, embora não menos determinados, esgrimiam argumentos mais ou menos convincentes, dependendo do ponto de vista: “Há pouco tempo um velhote morreu quando estava com uma prostituta. Ele ao menos morreu feliz”. Outros observadores, armados de sensibilidade sociológica, começaram a alinhar enredos explicativos de maleitas conjugais. Urdiduras de tramas para explicar vidas de dramas. A fuga dos maridos seria consequência de disfunções matrimoniais, indiciadas por uma prova indesmentível: “esses gajos cheiram a putas e vinho”, expressão equivalente a “facada num casamento desfeito”. O cheiro “a putas e vinho” aparece aqui como sintoma de um problema cuja solução mais o complica. Na opinião destes entendidos da teoria-prática, “eles vão de livre vontade. E se vão, é certamente à procura de algo que há muito deixou de existir em casa”. Em casa passou também a faltar dinheiro por ser “mal gasto” na “má vida”. As carências económicas são denunciadas, com toda a carga de tragédia familiar: “É de lamentar que certos homens deixem por vezes as famílias a passar necessidades, por vezes fome!”. Esgrimem-se as mais variadas justificações para explicar a louca corrida às *casas de alterne*: a globalização, as migrações, as máfias, a crise de valores, a desmoralização dos costumes, os *media*, o consumismo, o machismo, etc. O advogado de algumas *boites* referenciadas na explosiva reportagem da *Time* anunciou que iria processar a revista por difamação. O bispo de Bragança mostrou-se indignado com o facto de uma tão prestigiada publicação ter dedicado oito páginas à prostituição da “sua cidade”, ainda por cima “cabeça de cartaz” [manchete] de capa da revista. Um empresário da noite, com ironia ou, possivelmente, equivocado com o alcance das palavras do bispo, rejubilou de contentamento: “A igreja ficou do nosso lado!”.

Tanto rebuliço social originou um incremento das rusgas policiais às *casas de alterne*. Algumas

fecharam, outras sobreviveram mais ou menos clandestinamente. Houve perseguições e prisões. Muitas prostitutas brasileiras rumaram para Espanha, fixando-se em localidades fronteiriças com Portugal. Em Fevereiro de 2004, abre em Alcañices uma casa – a *Play Boy* – acolhendo mais de meia centena de brasileiras que tinham deposto no tribunal de Bragança. A *Play Boy* tornou-se a grande atracção da pequena localidade de Alcañices. Ao princípio, os portugalenses machos que estavam habituados a satisfazer o vício à volta da esquina, ficaram nervosos. Na esquadra da polícia de Bragança foi-me referido que a violência doméstica, por denúncia de mulheres ou filhos, aumentou significativamente depois de as *casas de alterne* terem fechado: “deixou de haver escape; todos os homens davam largas à fantasia, iam beber um copo, lavar a vista”. Agora, confidenciou-me um polícia graduado, “deixaram de ter oportunidade de descarregar a bília”. Daí o provável empolamento de discussões, injúrias e agressões físicas¹⁴. Passada a fase de descontrolo inicial, o vício correu à procura da satisfação. Pular a cerca da fronteira com a Espanha instituiu-se como um verdadeiro “rito de passagem” para os prazeres do sexo. As “meninas” arrastaram os mais devotos clientes para terras de Quintanilha, Alcanices e Zamora (entre 50 a 80 km da cidade de Bragança). Com acentuada ironia, um deles confessou que agora vivia muito mais descansado: “Estamos longe de olhares indiscretos porque quem aqui vem procura o mesmo que nós”.

As “idas a Espanha” eram feitas em carro próprio, compartilhado com amigos, ou em carrinha fretada. Começou a especular-se que o próximo protesto das mães seria contra os gastos excessivos em gasolina nas fugas para a vizinha Espanha. Um inimigo das *Mães de Bragança* não perdeu o ensejo para as desafiar: “E agora [...] vêem os maridos a gastar mais dinheiro ainda, tendo que ir à vizinha Espanha. Mandem outro abaixo-assinado para o governo espanhol, quem sabe se elas [as brasileiras] não são expulsas de lá”. Perante o desconsolo dos comerciantes portugueses, os congéneres espanhóis recebem de braços abertos as “meninas”, a quem dedicam apodos de “chicas buenas”. À porta das casas nocturnas espanholas, a maioria dos carros estacionados ostenta matrícula portuguesa. Lá den-

tro a língua de Camões relega a de Cervantes para plano secundário. As “meninas” falam português, os clientes também e até os empregados de mesa são portugueses para que as hostes lusas se sintam em casa. Uma reportagem televisiva da SIC reportou vários comerciantes de Bragança queixando-se da “má sorte”, desde que as «meninas» tinham abalado para Espanha. O *Correio da Manhã* colheu alguns desses lamentos. Uma florista, nostálgica, recordava: “Eram muito educadas e gostavam de dar presentes umas às outras. É muito triste ver o estado em que o comércio ficou desde que elas abalaram”. Um taxista viu o seu negócio transformado numa indesejada ociosidade: “Antes trabalhava-se de dia e noite, hoje nem de dia, porque as praças estão a abarrotar de carros. Havia clientes que queriam beber uns copos [...]. A gente levava-os e depois ia buscá-los. Era uma maravilha, hoje está tudo vazio”. Uma cabeleireira, recordando o tempo do “chão que já deu uvas” retorquiu: “Quando as casas de alterne estavam abertas, trabalhava eu e mais duas funcionárias todos os dias sem parar. Hoje estou sozinha e o salão quase sempre vazio”. Os restaurantes ficaram com “os reservados às moscas”, espaços onde recebiam clientes especiais e suas especiais companhias, geralmente no primeiro piso, à meia-luz e com acesso privado. Muitos comerciantes deitam contas à vida, com a quebra dos negócios. Reclamando contra o que para outros bragançanos significava um retorno ao “sossego”, mostram-se nostálgicos perante a fuga das *meninas*: “Agora, em Espanha, é lá que o pessoal vai gastar o dinheirinho!”. Outro nostálgico comentava, desiludido: “Hoje não se vê uma alma durante a noite. O nocturno de Bragança acabou”. De novo se culpabilizam as mães: “Ah mães, mães... vede o que fizeste à economia da região...”. A vida também não melhorou para os concessionários de gasolinhas. Muitos portugueses aproveitavam a “voltinha” a Espanha, para atestarem os depósitos dos carros com combustível comprado do outro lado da fronteira, por ser mais barato. A pechincha tornou-se pretexto para um constante vaivém de voltinhas de carro, dando azo a ditos chistosos:

Maria: *Ó Manel onde é que vais a estas horas?*

Manel: *Vou a Espanha meter [comprar] gasolina que é mais barato.*

Os históricos sentimentos de afronta com a vizinha Espanha voltam a assolar o imaginário de alguns portugueses, feridos no orgulho nacional, ultrajados na sua incapacidade de se afirmarem perante a potência colonizadora vizinha: “Os espanhóis aproveitaram a deixa”; “Os Tugas são mesmo totós”; “Mais uma vez os espanhóis ganham com a nossa burrice”; “Os espanhóis até nisto nos comem!”; “Não há nenhum patriota que abra novas casas de alterne (ou reabra as anteriores) para dinamizar o comércio local e impedir a fuga do capital para o país vizinho?”. Entretanto, com o encerramento das casas de alterne e caindo em desgraça as malbaratadas justificações de abalada a Espanha para atestar os depósitos de gasolina, algumas “meninas” começaram a montar apartamentos em Bragança e redondezas, juntando-se três ou quatro, para custear a compra ou aluguer dos mesmos. Agora eram também elas a cruzar a fronteira entre Portugal e Espanha, num vaivém constante, tentando satisfazer uma procura geograficamente mais alargada. Uma delas confessou: “Como muitos clientes ficaram com o meu número privado de celular, cá me vou safando”. Enfim, as rusgas policiais não fizeram desaparecer do mapa de Portugal as brasileiras. Falando de “epidemia” e “praga”, os mais inconformados ripostavam queixumes: “A praga é maior do que os portugueses pensam, todos os dias a polícia e a Guarda Nacional Republicana prendem brasileiras e cada vez há mais”. Abanando a cabeça em sinal de reprovação por tanta hipocrisia, o dono de um café frequentado por prostitutas brasileiras confidenciou-me: “Eles falam, falam, falam, mas estão doidinhos para dar uma moça”.

2. Feitiços de amor

Há também quem fale de uma “epidemia” entre os homens portugueses, rumando doidamente às *casas de alterne*, onde as «brasileiras» personificavam o demónio, apesar de tudo beneficiado pelos “tons de pele morena dos trópicos”. As *Mães de Bragança* não tinham dúvidas, as «brasileiras» seduziam os maridos com drogas, feitiços, rezas, mezinhas [remédios caseiros], bruxarias e macumbas com pétalas de rosa e raízes de amor-perfeito. Quando questionei o assunto a um entendido da noite de Bragança¹⁵ revelou-me

que, de facto, as “brasileiras” usavam um chá. Anotei o nome. Eu, que até gosto de chá, nunca ouvira falar da espécie revelada. Pensei tratar-se de um chá importado do Brasil, qualquer variedade exótica das muitas que o rei D. João VI de Portugal mandara cultivar, em 1811, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

As viagens de exploração transoceânica fizeram chegar à Europa muitas substâncias inebriantes e entorpecentes, ervas curativas e ervas “do demônio”. Pensei também nas misturas usadas por *Celestina*, a famosa mercenária do amor, literariamente criada por Fernando de Rojas.¹⁶ Por outro lado, sabia que em terras onde aportaram as caravelas de Pedro Álvares Cabral – tanto quanto naquelas de onde elas debandaram – eram comuns os “sortilégios” e “filtros” para “prender alguém”. As poções mágicas, designadas de *veneficium*, tanto surtiam feitiço quanto envenenamento, seus efeitos ímpios sobrelevando os pios. No século XVI, o Tribunal do *Santo Ofício*, no Brasil, registava mezinhas feitas a partir das segregações do “vaso da mulher”: “O contacto com a ‘madre’, ou seja, com o baixo corporal feminino, conferia poderes mágicos e ora servia para querer bem, ora para sujeitar vontades; por isso a negra Josefa, em Minas setecentista, lavava as partes pudentes com a água que misturava à comida do seu marido e de seus senhores”.¹⁷

Quando consultei no Dicionário o nome do chá constatei que a palavra, em português arcaico, significa “pequena caixa ou saca redonda e fantasiada”. Mas é claro que não faria sentido falar de chá de *caixa* ou *chá* de “saca redonda e fantasiada”. Depois, vim a descobrir que, no Brasil, o nome misterioso do chá corresponde a um palavrão ordinário que é dado à vulva. De tão ordinário que é esquivo-me à sua reprodução. À coisa assim nomeada associam-se tremendos poderes o que, aliás, acontece em outras latitudes. Na Catalunha, chegou-me ao conhecimento o costume de as mulheres dos pescadores exporem os seus genitais ao mar antes de os maridos embarcarem. Acreditavam que, desse modo, o mar se acalmava – ao contrário do que sucederia se nele urinassem. A exposição dos genitais femininos é um recurso que tem sido usado, ao longo da História, para expulsar demónios, afugentar espíritos malignos, impedir que vários tipos de males aconteçam. Quando os perigos

espreitam ou as adversidades ameaçam, a sabedoria popular dita que a melhor opção de uma mulher é erguer as saias¹⁸. O mesmo recurso é usado em discussões e zaragatas públicas no Norte de Portugal. Numa dessas discussões, ocorrida numa feira, observei que o levantamento das saias era acompanhado de fortes batimentos numa das nádegas pela mão oposta à que segurava a saia. Não é fácil explicar esta exposição – ou insinuação – deliberada dos genitais femininos, de que existem abundantes referências no folclore e na literatura. Tentativa de humilhar os adversários? De os seduzir? De os atarantar? O poder da vagina foi também testemunhado por um colega meu¹⁹ quando, no noroeste de Portugal, descobriu que negociantes e caçadores ficavam atemorizados quando se cruzavam com uma jovem viúva. Mau presságio para negócios e caçadas. Os negociantes queixavam-se de que os ganhos iam por água abaixo – será que os desperdiçavam em prazeres sexuais com prostitutas, por efeito de apetites sugestionados pela jovem viúva? – e os caçadores lamentavam-se de que as espingardas perdiam a pontaria, por isso friccionavam o cano das mesmas entre as pernas, contra os genitais, para corrigirem a pontaria.

A *Time* fez referências a outras práticas mágicas que, segundo as *Mães de Bragança*, as “brasileiras” usariam: “Põem flores nos cruzamentos para conquistar os homens e os nomes dos inimigos nas solas dos sapatos”. Como resposta, algumas mulheres portuguesas tentaram o antídoto, acorrendo a bruxas e curandeiros para “limparem os maridos”. O proprietário de uma casa de alterne especulou: “elas de certeza gastam tanto dinheiro com os bruxos quanto os homens com as putas!”. Uma curandeira que entrevistei confessou-me que algumas portuguesas a procuravam, ofegantes e exaltadas, com propostas do “arco-da-velha”: “Às vezes, chegam-me aqui, com uma conversa... ‘Quero que mate aquela puta que anda com o meu homem!’ E eu digo assim ‘Ó filha, mas eu não mato ninguém! Você pega numa pistola chega ao pé dela e dá-lhe um tiro! Não consigo pôr as minhas mãos no mal, nessas magias negras’...”. Para além de recorrerem a bruxas e curandeiros, algumas mulheres enganadas – pelos maridos, e também pelos fabricantes de mezinhas – fazem promessas às suas santas devotas. Outrora existiam também relaciona-

mentos extra-conjugais e idas às putas. Todavia, o restabelecimento da ordem era conseguido através do poder afirmado pelas mulheres em praça pública: as mulheres resolviam este tipo de problemas com “um murro nas ventas da provocadora e com uma telha em cima da cabeça do marido”. Entre cabeças partidas e algazarra a condizer, o marido continuava em casa e “ficavam histórias vibrantes para contar aos netos”.

Quanto ao poder das “brasileiras”, há quem avalie os efeitos do feitiço a partir dos poderes da feiticeira: “Não há melhor feitiço que o melhor serviço”. Na verdade, vários entrevistados me garantiram que as brasileiras “são muito mais carinhosas e meigas” e “submetem-se a coisas que as portuguesas não se submetem”. Enfim, “são umas gatas”. Em alguma imprensa as brasileiras são representadas como “mouras encantadas”. Os menos quixotescos contestam esse imaginário ripostando que os portugueses que se “embeçam” por elas estão enganados; não são nada “mouras encantadas”, são apenas “brasileiras de tez índia... até ao primeiro dia em que lhes enfeitam a testa com ornamentos à medida da sua inteligência”. Alguns maridos – provavelmente com testas ornamentadas – acabam por se reconhecer vítimas de enfeitamento: “elas são enviadas pelo demônio”; “elas tentaram-me contra a minha família”; “roubaram-me o dinheiro, aquelas putas”. Os “pobres enganados” teriam caído em tentação, atraídos por forças malignas, havia que “expurgar a cidade daqueles diabos com pernas, ainda por cima boas”. Um polícia usou uma metáfora persuasiva para ilustrar a esperteza interesseira das “musas” do outro lado do Atlântico: “comem-lhe o isco e cagam-lhe no anzol”. Os dotes sedutores das brasileiras servem também para desculpar os “pobres homens” que, desse modo, são levados ao engano pelas «pecadoras», “viciosas” e “sedutoras” brasileiras. Os “pobres homens”, no entanto, culpam as suas mulheres de não terem os dotes sedutores das brasileiras e de não saberem fazer as “coisas” que elas sabem fazer. Em suma, os “pobres homens”, por uma ou outra razão, aparecem quase sempre como vítimas. As “danadas” acabam sempre por ser as mulheres, independentemente dos “danos” causados: ou porque se excedem na sedução e fervor sexual ou, pelo contrário, porque percam por defeito e castidade.

3. As ameaças de ferrugem

Os “pobres homens”, contudo, gostam de fazer alarde da sua virilidade. Num estabelecimento comercial bem no centro de Bragança, surpreendeu-me uma montra expondo uma enorme colecção de *t-shirts* com vários apelos sexuais. Desde logo, inscrições reveladoras de apetite sexual: “Procura-se. Mulher que adopte o animal que há em mim”; “Se eu estiver bêbado, e se você for bonita, aproveite-se de mim”; “Vou rezar 1/3 para arranjar 1/2 de te levar para 1/4”. Outras inscrições sugeriam invulgares capacidades eróticas e sexuais: “O meu cérebro é o meu 2º órgão”; “Se o teu namorado não faz bem eu faço”; “Instrutor sexual. 1ª aula grátis”; “Faço sexo com os olhos. Neste momento estou a comer-te”. Outras mensagens realçavam os benefícios da actividade sexual: “O sexo faz bem aos ossos”; “Sexo oral não dá cáries”. Finalmente, recenseei pensamentos embrulhados em fixações ou obsessões sexuais: “Só não penso em ti quando não respiro”; “Não sou o que tu pensas, mas tenho o que gostas”.

Estamos perante uma sexualidade ora reprimida ora insinuada, talvez uma coisa por via da outra. A sua afirmação pela negação, e vice-versa, faz parte de um jogo alimentado pelo vício de socializações enroscadas no decurso do tempo. Outrora como agora, a sexualidade pulsa no quotidiano de forma declarada ou implícita. Nos meios mais rurais, por exemplo, a alguns tipos de cereja são atribuídos nomes sexualmente conectados. A primeira cereja, que aparece prematuramente por inícios de Maio, é designada de “meia foda”. De entre outras variedades mais apetecidas, destacam-se a “lisboeta” e a “francesa”, esta última preferida em compotas por ser a mais “doce”. No mercado de Bragança, vi uma colecção impressionante de garrafas de vinho com a sugestiva marca de “Força no Pau”. Com o mesmo nome é designado um licor de ginja, necessariamente com “elas”: as gijas e umas garotas de *biquini* que, no rótulo da garrafa, deixam de olho arregalado um campónio encostado ao seu bastão.

Nos cafés da cidade mais frequentados por homens, de vez em quando fala-se de mulheres, menos de sexualidade. O tema parece continuar tabu e, provavelmente por isso mesmo, persiste enquanto

objecto de “brincadeiras” e “malandrices”. Em contrapartida, fala-se bastante de política ou de futebol. Das poucas vezes em que ouvi comentários sobre sexo, o tom da voz baixava, a língua retraía-se, a elucidação dava lugar à evasão, o entendível ao subentendido. Este entravamento da linguagem tem certamente razões que se prendem com o pano de fundo moral que envolve a sexualidade. Mas a gabarolice não deixa de ser exibida. É, aliás, entre os velhotes que mais se ostentam as conquistas de mulheres. Os mais novos são mais contidos. O patrão de um *café de subir* – assim designado por disponibilizar aposentos no piso superior para relacionamentos sexuais – segredou-me: “Olhe! [baixando o tom de voz]... Aqueles velhotes que estão ali... A maior parte... não fazem nada! Depois conversam: ‘ai, dei duas, dei três’, é a conversa deles [...] Gabam-se uns para os outros. Para eles é meia dúzia de uma vez! Picam-se a gabar-se”. Outros, contudo, confidenciam ao patrão o falhanço das investidas na expectativa de reaverem o dinheiro: “Dizem-me: ‘Ai, faltou! Perdi o meu tempo!’ – Faltou, pagou! Alguns nem tentam! Ficam a passar a mão... aquela coisa! Sei eu porque eles me dizem! Não vou lá ver! Tem só quem converse. E paga! Só para conversar. Alugam quarto, pagam! Dizem que não conseguem falar com a mulher [esposa]. Ali [apontando com a cabeça e baixando mais a voz], estão dois... dizem que não têm conversa possível com a mulher. Só aos berros!”

Os fracassos sexuais não impedem a gabarolice. Alguns ufanam-se do rodopio de mulherio à sua volta. Esta jactância de conquistas, corolário de um machismo exibicionista, não pode deixar de se correlacionar com as insistentes investidas às casas de alterne ou *café de subir*, não por acaso realizadas em grupo. Para uma boa parte dos seus frequentadores, “ir às putas” é um ritual de virilidade, mas também de sociabilidade, já que quem vai “às putas” vai também “aos copos”, até porque as raparigas das casas de alterne ou congêneres cobram comissão sobre as bebidas que os clientes consomem. É por entre *rodadas* de bebida e de garotas, que se comentam as “novidades”: nova “fruta” importada, seus atributos físicos ou a capacidade de envolvimento demonstrada na relação – “geme de prazer, heim?” – gaba-se alguém, deixando no ar a ideia de que o gemido é uma

inevitável consequência da mestria em fazer gemer. O que alguns ignoram é que os gemidos de prazer são falsos e desacreditados, denunciando orgasmos fingidos. Para elas, o objectivo é consumir o acto sexual o mais rapidamente possível. Recorrem, para o efeito, a estratégias para “queimar etapas”. Mal sobe ao quarto a prostituta despe-se rapidamente e incentiva o excitado cliente a fazer o mesmo, dando-lhe até uma mãozinha, ao ajudá-lo a desapertar as calças e os botões da camisa. O lema é: “Dinheiro na mão, calcinha no chão; dinheiro sumiu, calcinha subiu”.²⁰

Embora não tenha realizado nenhuma sondagem à boca das casas de alterne, as informações reunidas sugerem uma frequência muito diversificada: operários e empresários da construção civil, estudantes universitários, professores, advogados, juizes, polícias, empregados de balcão, comerciantes, pequenos industriais, e até um padre que “não é da terra”. Não posso garantir. Apenas poderei testemunhar o perfil dos clientes que acabei por entrevistar: dois comerciantes, um taxista, três aposentados, um jovem operário da construção civil e um *garçon* de café. Várias prostitutas me referiram a existência de clientes VIP, com prioridade de atendimento sobre os demais, apesar de que “todo o mundo cá vem, pobre e rico”. O proprietário de um café de frequência popular, também pouso de prostitutas, reforçou o que a “olho nu” já havia apreendido em outros estabelecimentos de “comes e bebes” e tudo o mais que se possa imaginar: “Quem procura as mulheres... é esse pessoal que trabalha a semana inteira... funcionários, trabalhadores, trolhas [pedreiros]... uma escapadela assim rapidinha; mais pessoal ligado a obras”. À hora a que o entrevistei, a meio da tarde, havia, contudo, uma predominância de idosos. Esclareceu-me que muitos são reformados: “Esses, os mais velhos... esses mais velhotes, reformados, recebem o salário... logo nos primeiros dias vai tudo!” – e em tom jocoso: “Para burro velho, capim novo!”

As “meninas” preferem os mais velhos ou *coroas*, como lhes chamam. Em primeiro lugar, porque têm mais “nota”, como o reconhece uma patroa de alterne: “Os bons clientes não são os estudantes. Os bons clientes são os ‘coroas’, como elas dizem. Os bons clientes são esses”. Em segundo lugar, porque são mais “meigos”. Uma jovem de Espírito Santo (litoral

do Brasil) reforçou a ideia: “Eles [os jovens] bebem, são mais agressivos... e os velhos não!”. Um cliente, com um sorriso desdentado e uma careca reluzente, justificou o interesse pelas “meninas”: “para que o Zeca não enferruje!”. A confissão pode interpretar-se como um temor à perda da virilidade. O problema é que – pela idade, embaraço psicológico ou sabe-se lá que mais – alguns Zecas chegam à hora da verdade com sinais evidentes de “enferrujamento”. Uns, mal levantam a cabeça, “disparam logo” e de imediato destroçam ou, na metáfora poética de uma prostituta que andava em aulas de condução, “ponto morto, engata a primeira e o motor vem logo abaixo”. Outros, como me disse moça de *alterne*, “não há meios de os pôr em pé”. Quando a bandeira não hasteia naturalmente, algumas prostitutas esmeram-se em manipulações, mas nem sempre com sucesso. A tentativa de colocar um preservativo num membro minguado e flácido é provavelmente um teste a que não resiste a mais pachorrenta das paciências. E “como tempo é dinheiro”, algumas mimam os clientes desarmados com vibradores e *consolos*²¹ para usar “ao gosto do freguês”. Ensejo para que alguns clientes concretizem fantasias que não se atrevem a realizar com as suas mulheres ou fora do mundo da prostituição. Os amigos não colocarão em causa a virilidade desses «desconsolados», pois sempre pensarão que quem *sobe* [expressão usada para *subir* aos aposentos da prostituta] é para ficar por cima.

Numa sociedade norteadada por valores machistas, os homens vêm-se obrigados a ter uma sexualidade disponível de forma permanente, indiscriminada, compulsiva. Chega-se a sustentar que tais características respondem aos impulsos biológicos de qualquer macho. Os valores machistas encontram-se de tal forma arraigados no tecido social que acabam por sobreviver ao “enferrujamento” dos impulsos biológicos. Nem que para tanto se recorra a *consolos* artificiais. Quanto mais ameaçadoras são as disfunções erécteis, tanto mais se procura defender a reputação de “macho” perante si próprio ou perante os outros – companheiros das idas às *casas de alterne*. Alguns moribundos sexuais tudo fazem para recuperar a sua masculinidade. Quando o conseguem, comprovam o poder de alguns produtos destinados a “levantar mortos”, como o “viagra” ou o famoso chá

de “pau de Cabinda”, proveniente da casca de uma árvore com o mesmo nome, existente na floresta de Cabinda, em Angola.

Muitos clientes são renitentes ao uso do preservativo, como me confessaram algumas prostitutas. Os mais velhos são dos que mais teimam em não o usar, alegando falta de hábito. Uma prostituta sugeriu-me que a rejeição do preservativo pode também se explicar porque “eles metem na cabeça que a camisinha atrapalha”, dificultando a erecção, ou mais grave, amortecendo-a. Alguns nem com *boquete* (sexo oral) lá vão. Num registo de interpretação científica, há quem sugira que a rejeição do preservativo por parte dos homens é uma manifestação de masculinidade, posta em evidência pelo assumir de um risco²². Nem sempre assim é. Para muitos idosos, a rejeição do preservativo não é assumir um risco, é fugir dele, do risco da confrontação decepcionante com o “enferrujamento do Zeca”. Com isto quero dizer que, umas vezes, a assunção do risco, ao estimular a “erotização”,²³ engrandece o sentimento de masculinidade. Outras vezes, contudo, o risco é a perda desse sentimento quando a erecção periclitante do pénis esmorece perante a ameaça de um enjaulamento forçado na chamada “camisinha”. A acreditar na fonte privilegiada e profissional de informação a que acedi, por vezes só com muitas habilidades o mirrado recupera a posição de levantado. A fonte, com toda a sua indesmentível experiência, confidenciou-me que uma das habilidades salvadoras consiste em camuflar o preservativo no céu-da-boca.

Mesmo com dificuldades de erecção, o macho tende a desculpabilizar-se, uma vez que a culpa é remetida para a “camisinha” que “atrapalha”. A consagrada *teoria da atribuição*²⁴ ajuda-nos a compreender estes mecanismos de defesa que levam a atribuir os êxitos a qualidades pessoais, enquanto que os fracassos são muito mais imputados a circunstâncias ambientais. A teoria da atribuição estabelece que quando um indivíduo centra em si mesmo as causas de sucesso ou de fracasso de uma acção (atribuições internas) surgem normalmente sentimentos de orgulho ou de vergonha. Na sexualidade masculina, o orgulho ou a vergonha associam-se à (in)capacidade de erecção. Se esta é mal sucedida, uma forma de contornar a vergonha é encontrar justificações externas ao fracasso

(atribuições externas). Pelos vistos, o preservativo é uma justificação recorrente para a incapacidade referida já que, alegadamente, “atrapalha”. “Correr risco”, como prova de masculinidade, pressupõe uma plateia que legitime, através do reconhecimento, um predicado valorizado: a capacidade de correr risco. Porém, na cama, a plateia resume-se a uma mulher e a prova de fogo encontra-se confinada à revelação da capacidade de levantar um estandarte.

Como quer que seja, se é certo que a rejeição do preservativo pode aparecer associada à afirmação da masculinidade pelo temor do insucesso (quando “eles metem na cabeça” que a camisinha “atrapalha”), noutros casos, porém, a afirmação da masculinidade projecta-se efectivamente na assunção de riscos. Porque o homem se vê (porque é visto) como “forte” não deverá ter “medo” de avançar para a faina sem armas defensivas. Também pode acontecer que o homem centre no preservativo uma disputa que lhe permita submeter a mulher ao seu poder. Ou seja, o que pode estar em jogo é o convencimento de que exerce um poder sobre a prostituta, obrigando-a a submeter-se à realização de suas fantasias. Ela quer usar o preservativo? E se ele não quiser? Quem manda? Uma vez, na cidade de Bragança, vi um carro estacionado em cujo espelho de retrovisor se dependurava uma miniatura de *T-shirt* com os seguintes dizeres: “Quem manda no carro e na cama sou eu”. O que está em causa é uma ideologia machista que para sobreviver reclama a submissão da mulher, seja no carro ou na cama, pois, como diz o velho ditado, “mal vai a casa em que a roca manda mais que a espada”. Andar no carro com o anúncio escarrapachado dessa dominação é uma forma de dar visibilidade a esse domínio.

A correlação entre assunção de virilidade e rejeição do preservativo pode, assim, ter diferentes determinantes. Como se sugeriu, entre os idosos, o temor de uma erecção falhada alimenta a convicção de que o preservativo “atrapalha”. Estranhamente, alguns inquéritos à sexualidade, não contemplam esta hipótese. É o caso de um recente Inquérito sobre “Os comportamentos sexuais da população portuguesa”, onde pura e simplesmente se desprezaram os inquiridos com mais de 65 anos. Ou seja, por preconceito ou qualquer outra razão oculta, talvez se tenha admitido que a partir daquela idade a sexualidade se eclipsa.

Surpreendentemente, a realização do Inquérito tinha como justificação o facto de Portugal ser um dos países da UE com uma das situações mais preocupantes no que respeita à infecção do HIV/SIDA. Por essa razão, o Inquérito propunha-se estudar as relações entre os comportamentos sexuais e os comportamentos de risco associados à transmissão do HIV na população residente em Portugal, a partir de uma reivindicada “amostra representativa”. Embora, à data, os dados deste Inquérito não tenham ainda sido publicados, foram recentemente apresentados em um seminário na Universidade de Lisboa.²⁵ Os dados revelados indicavam que os inquiridos mais jovens eram os que tinham condutas sexuais de menor risco, enquanto que as de maior risco se concentravam no escalão etário mais elevado, isto é, dos 55 aos 65 anos. A população presumivelmente de maior risco foi desprezada.²⁶

4. Notas finais: sexualidade e mudança

Algumas inquietações sociológicas justificaram a pesquisa sobre o movimento das *Mães de Bragança*. Desde logo, quais os contornos e implicações do confronto entre uma unidade de persistências (os *mores* das moralidades, as *valências* dos valores tradicionais) e as novas correntes sócio-culturais²⁷? Que efeitos terá tido a globalização de novas vivências da sexualidade em tal processo? Como decifrar o movimento das *Mães de Bragança* e o que nos poderia ele revelar? Se o método remete para o que está além (*meta*) do caminho (*hodos*) percorrido, estamos na altura certa para fazer uma reflexão metodológica do percurso realizado na tentativa de dar resposta a estas e a outras questões que foram levantadas ao longo da pesquisa realizada. O método que abracei foi o da descoberta de realidades ocultas, no pressuposto de que existem conexões entre a realidade que se mostra à observação e a que dela se esquia. Daí o interesse em analisar os valores e representações sociais de que se vestem e revestem as práticas quotidianas. Na sociologia clássica, as ideologias sempre foram consideradas como “desvios” ou “distorções”. Porém, as visões do mundo nem sempre deixam o mundo nas trevas. Elas também são constituídas por parcelas de verdade. Salvador Giner²⁸ alerta-nos para a necessidade de

procedermos com as ideologias da mesma forma que os antropólogos têm tratado os mitos: buscando as verdades profundas e escondidas que existem neles, segundo critérios convincentes e objectivos. As metáforas, narrações, símbolos e imagens de que os mitos se vestem são roupagens que requerem interpretação para chegarmos às verdades que encobrem.

Assim aconteceu quando procurei decifrar os estereótipos jogados sobre as *brasileiras* e mesmo sobre as *mães*, frequentemente designadas de *papa-hóstias*. A hipótese que justifica o movimento das mães pela sua «beatitude» parece-me simplificadora da sua complexidade. A religiosidade é uma explicação tão consensual quanto simplista. Talvez, por ser simplista seja consensual. No melhor dos casos, é uma paráfrase cujo poder tautológico é confirmado por algumas evidências analíticas, embora negado por outras. Se algumas mães eram praticantes católicas, outras estavam arredadas dos locais de culto. Por outro lado, a razão da revolta invocada por algumas delas tinha uma base económica e nem sempre religiosa: os maridos “estoiravam” com as “putas” o dinheiro que fazia “falta em casa”. Acresce que as ditas «mães» não se limitaram a enviar os seus manifestos às instituições de moral pública, insistindo, sobretudo, em recolher o apoio das autoridades civis e policiais. Aliás, nas suas reivindicações utilizavam um vocabulário tradicional actualizado. Em relação às *brasileiras*, o desafio foi o de decifrar os procedimentos que reificam os estereótipos, imperativo metodológico para desnaturalizar as diferenças.

A sexualidade encontra-se associada à salvação ou afirmação de valores identitários e estes, por sua vez, reflectem as representações sociais que a orientam. É neste sentido que se torna relevante desvendar os dispositivos simbólicos da sexualidade. Para tanto, é necessário tomar as representações sociais como formas de pensamento social cuja génese, propriedades e funções são, afinal, substrato das identidades.²⁹ O movimento do pensamento nasce geralmente de representações imaginadas. O próprio pesquisador, submergido numa análise de detalhes de um dado questionamento sociológico, começa por produzir construções abstractas, imagens. A criatividade do seu trabalho surge, provavelmente, no instante em que, ao confrontar-se com observações

díspares, procura descobrir entre elas possíveis elos de sentido com que, afinal, se fabricam as interpretações. Assim sendo, interessou-me examinar de que modo os contextos sociais, a linguagem e os sistemas de comunicação intervêm na construção das representações sociais sobre a sexualidade. A orientação metodológica seguida não anda longe daquela que é reivindicada pelo chamado *interaccionismo simbólico*.³⁰ Quer isto dizer que me acerquei de distintos universos de representação social, privilegiando os significados que os indivíduos lhes atribuem, enquanto pessoas vinculadas reciprocamente aos seus actos. Por essa razão, num primeiro momento, condescendi com as opiniões que fui recolhendo, sem lhes atribuir juízos de valor, o mesmo se podendo dizer em relação ao tom escarninho da imprensa. Ou seja, reproduzi o tom do diz-que-diz do falatório que me chegava aos ouvidos ou do palavreado que jorrava da imprensa com o propósito de evidenciar, em ambos os casos, um poder de persuasão. No entanto, por imperativo metodológico, fui apelando à necessidade de desocultar os significados subjacentes às representações sociais que circulavam nesse falatório e palavreado.

Deste modo, tomando as *Mães de Bragança* como suporte de diversas representações sociais, interessou-me, em primeiro lugar, descobrir o que essas mães representavam para quem delas falava. Em segundo lugar, preocupei-me em descobrir os significados dessas representações e como os mesmos eram manipulados e se modificavam no decurso dos processos interpretativos que as pessoas desenvolviam a propósito da realidade representada por essas mães. O mesmo exercício foi realizado em relação às *raparigas de alterne*. Aparentemente, claro está que elas são prostitutas e, nesse sentido, o significado é inerente à coisa mesma. Mas não é assim tão claro que o significado de uma coisa apenas possa emanar da coisa mesma. O significado não é uma emanção mecânica da estrutura intrínseca das coisas que o possuem, antes resultando de processos concretos de interacção social. A prova do que acabo de dizer é que as “meninas” dividiram opiniões. Tanto eram olhadas como malvadas macumbeiras quanto como fonte de prazer ou ainda factor de desenvolvimento económico regional. Voltando ao movimento das *Mães de Bragança*, que razões o poderão explicar? A

questão não deixou de preocupar as elites pensantes de Bragança e do próprio país. Um periodista de *A Voz do Nordeste* sugeriu: “Até há bem pouco tempo era impensável um abaixo-assinado do género do que foi produzido pelas designadas *Mães de Bragança*. Se alguma delas se atrevesse a fazer um documento semelhante o mínimo que lhe podia acontecer era levar uma grande sova do marido”. De facto, os cânones tradicionais de moralidade restringiam a gestão da sexualidade à perenidade da família e do património. Os vícios e extravios eram desencorajados por uma moral revestida de temor a Deus. As prescrições morais circundavam a busca do prazer, limitando-o. Este ordenamento societal foi abalado por novas correntes socioculturais, onde a busca de prazeres terrenos se foi sobrepondo às exigências de obrigação moral e os vícios privados foram sucessivamente abalando as virtudes públicas. A partir do momento em que o prazer foi perdendo o seu elo com o pecado, acabou por se transformar num objectivo de vida. A cultura dos afectos e da sexualidade deixou de estar embebida em imperativos do dever para também contemplar os de prazer. O dever conectado com sanções e obrigações fez cedências ao hedonismo, à satisfação de anseios, à desoneração da culpa por juízo moral. Não é certo, todavia, que estas ondas de libertação sexual se tenham traduzido numa simetria de poder nas relações de género. Não temos instrumentos de avaliação dessas relações no âmbito do que se passa nos leitos conjugais. Como é que aí se jogam os afectos e a sexualidade? Mistério difícil de sondar. No entanto, a intimidade é expressão do social. É esse social – tanto mais esquivo quanto mais se refugia no leito conjugal – que nos intriga e nos empurra para uma aproximação do insondável.

Por outro lado, como interpretar a correria desmesurada às *casas de alterne*, principalmente por parte de homens casados? A esta pergunta não estará associada uma única resposta. Porém, é possível admitir que maleitas conjugais de diferentes espécies se constituam em condições favorecedoras do fenómeno. Não necessariamente suficientes nem certamente exclusivas. Aliás, nem as poderíamos entender isoladamente das circunstâncias sociais que as envolvem. Por exemplo, em meios rurais, as questões patrimoniais pesavam duradouramente sobre as

alianças matrimoniais. Um desenlace conjugal poderia significar um tumultuoso terramoto patrimonial, desmoronando negociatas familiares. Isto porque, outrora, eram frequentes os arranjos matrimoniais orientados para a conservação e acumulação de patrimónios. Pela mesma razão, os vínculos patrimoniais desencorajavam o divórcio. As desavenças conjugais eram assumidas como uma fatalidade. Todo este *status quo* assentava na submissão das mulheres, na sua suposta capacidade de sacrifício. Pelo contrário, os homens aliviavam as tensões nas tabernas ou nos prostíbulos, daí resultando toda a carga simbólica do “cheiro a putas e a vinho”. O gozo da sexualidade ocorria frequentemente fora da relação conjugal, uma vez que as mulheres eram olhadas como desprovidas do direito desse gozo, sob pena de serem acusadas de leviandade. Neste modelo, não é certo que o amor erótico estivesse ausente, mas não era assumido como um valor de fundamentação da vida matrimonial. Ou melhor, a mulher podia ser amada, mas não tanto como mulher quanto como mãe, governanta de casa, educadora dos filhos... enfim, era valorizada por sacrifícios quotidianos tantas vezes vividos em silêncio. Por esta razão é que numa situação de traição conjugal, com ameaças de dissolução do vínculo matrimonial, se reivindica o estatuto de mãe. Não por acaso, o movimento das “mães” não se denominou de “esposas” ou de «mulheres». Ao reivindicarem o estatuto de mães, elas não estariam, propriamente, a negar outros estatutos. Estariam, sobretudo, a colocar-se acima da fasquia moral das suas rivais. Umhas «puras» (*mães*), outras “putas” (*filhas da mãe*, no sentido pejorativo do termo).

Alguns conflitos conjugais poderão assim aparecer como resultado de assincronias e defasamentos entre os géneros na forma como as mudanças sociais foram vividas. Por outro lado, nem sempre coincidem os novos papéis que são socialmente exigidos às mulheres com os modelos afectivos por elas efectivamente internalizados. A tradição resiste à mudança social no plano da própria subjectividade. Também os homens passaram a alimentar expectativas cada vez mais contraditórias em relação às mulheres: se, em casa, idealizam que elas possam continuar a reproduzir o papel de suas próprias mães; na cama anseiam que se libertem de todos os preconceitos e estejam

disponíveis para todos os devaneios sexuais, como aquelas mulheres desinibidas que observam nas telas de cinema e da televisão, onde as telenovelas brasileiras sempre conseguiram atingir picos de audiência.

Como quer que seja, entre algumas mães de Bragança constatámos que o divórcio passou a ser equacionado por poder valer mais do que um matrimónio arrastado no prolongamento dos seus desfeitos. Ou seja, surgiu um clima de apelo a um novo ordenamento das relações entre os géneros, por efeito de novas representações da família e da conjugalidade. Orientados por valores tradicionais machistas, alguns homens não souberam adaptar-se à própria metamorfose da condição feminina. Retenhamos, no entanto, um dado importante, já atrás sinalizado. A corrida às *casas de alterne* não surgiu apenas como efeito inevitável de uma revolução de costumes. Num mundo onde os padrões morais associavam a sexualidade à reprodução, o reinado da *espermocracia* sempre montou arraiais nos bordéis.³¹ Sempre houve prostituição, embora exercida na clandestinidade³². Entre os casados as escapadelas faziam-se às escondidas. Depois tornaram-se muito mais notadas, sempre que associadas a noitadas. Com efeito, quando os maridos passaram a chegar a casa “tarde e a más horas”, cambaleando de bêbados e com “cheiro de putas” ... era impossível que suas mulheres de nada desconfiassem. O que aconteceu, portanto, foi uma maior visibilidade das escapadelas. E também uma maior recorrência delas, por efeito de uma euforia tornada moda que explica as viagens a Espanha em carrinhas alugadas com toda uma tonalidade excursionista. Nesta medida, pode dizer-se que houve uma *pressão social* – alimentada por sociabilidades de café e de taberna – de incitamento às visitas às *casas de alterne*. A visibilidade destas – tanto mais que tinham uma iluminação de luzes fluorescentes que não passavam despercebidas – acabou por desmascarar a mentira social de casamentos só na aparência felizes.

Toda a excitação em torno das *casas de alterne* foi também fomentada pelo surgimento de um novo-riquismo entre pequenos comerciantes endinheirados que passaram a desbaratar as mais-valias acumuladas nessas romarias profanas, a que acresce uma oferta frequentemente renovada de meninas, aguçando o apetite dos apreciadores da chamada

“fruta fresca”, para usar a gíria do meio. Ambas as hipóteses são sustentadas por uma sábia constatação quando se discutiu o feitiço das *mouras encantadas*: “comem-lhe o isco e cagam-lhe no anzol”. A euforia masculina em torno das *casas de alterne* foi também nutrida por uma espécie de *mobilização sexual* não de todo alheia à crescente influência dos *mass media*. Nos anos 1970, em Portugal, os cinemas começaram a exhibir filmes pornográficos e, na televisão, as telenovelas brasileiras – com cenas arrojadas para os costumes da época – substituíam o sermão da paróquia no que às moralidades quotidianas respeita. As proibições e interdições foram abaladas por uma profusão de imagens que, despudorosamente, passaram a exhibir o nu.

A hipótese da *mobilização sexual* pode jogar-se convocando outra constelação de variáveis. Por suposição, um grupo social que tenha suportado uma relativa contenção sexual, por razões de ordem moralista ou repressiva, tenderá a rejeitar essa mesma ordem logo que ela dê sinais de fraqueza. É uma hipótese que se enquadra nas chamadas teorias da mudança social «condicionadas» que frequentemente adoptam uma formulação probabilística: um dado acontecimento arrasta a probabilidade de ocorrência de um outro acontecimento. A ideia tem sido trabalhada no domínio da sociologia política. É conhecida a chamada lei Tocquevelliana da «mobilização política», sugerindo que um povo que tenha sido subjugado por leis opressivas, tende a rejeitá-las violentamente logo que essa ordem seja abalada.³³ O fundamento da hipótese é o da contenção provocar uma tensão acumulada de tal monta que a libertação é explosiva logo surja uma oportunidade (efeito «panela de pressão» quando lhe salta a tampa). É surpreendente que alguns proprietários de casas de alterne me tenham justificado a presença de algumas jovens portuguesas em suas casas por efeito do conservadorismo retrógrado dos seus pais: “Isso deve-se principalmente aos pais. Não aceitam as novas ideias, não se actualizam, reprimem muito... e elas... à primeira oportunidade vão embora! Tão claro como água! É culpa dos pais!”.

Os conceitos de *tensão* e *frustração* podem também ser convocados para explicar a predisposição individual para a mobilização. O próprio movimento das *Mães de Bragança* pode ser entendido à luz desse quadro teórico. Para tanto, pode usar-se um conceito

já clássico, o da *frustração relativa*. O conceito foi pioneiramente desenvolvido por Ted Gurr³⁴ para designar um estado de tensão que resulta de uma satisfação esperada e denegada. A frustração surge como um saldo negativo entre o reconhecimento e o prestígio que um indivíduo tem num dado momento e o que ele pensa que deveria ter. É o que se poderá ter passado com as *Mães de Bragança* por impulso de uma frustração transformada em *facto social*. É frustração *relativa* porque é tributária de comparação. Nasce de expectativas associadas a uma distribuição socialmente diferenciada de poderes simbólicos. As *Mães de Bragança*, ao se compararem com as prostitutas brasileiras sentiram-se ultrajadas no seu estatuto de mães. Ou seja, o sentimento de frustração emergiu da constatação do distanciamento entre expectativas socialmente construídas – associadas ao estatuto de mãe – e a percepção subjectiva da sua real situação: desvalorizadas, traídas, trocadas por outras, abandonadas. A intensidade da frustração, quando socialmente compartilhada, é um carburante de movimentos sociais. No caso em análise, parece estarmos perante um *movimento de status*, isto é, destinado a preservar e fortalecer o *status* de mãe e a reputação social que lhe é imputada. É neste sentido que a identidade de mãe aparece aqui como estratégia de acção colectiva, dada a convergência de sentimentos entre quem se mobiliza numa acção colectiva – concertada e intencionada – com objectivos definidos.

Mais uma anotação metodológica para finalizar. Correntemente toma-se por *método* um meio ou caminho para chegar a algum lugar, mas raramente se exploram outras possibilidades do método: uma forma de descaminho, uma fuga ao caminho que conduz a uma perda no labirinto de explicações não convincentes. Foi essa metodologia que segui ao avançar para o trabalho de campo. Quando na imprensa começaram a surgir alusões ao movimento das *Mães de Bragança*, o que transparecia era um confronto directo entre duas entidades inconciliáveis: *mães* e «*brasileiras*», como são abusivamente chamadas. Ora as *mães*, genericamente tomadas, constituem um sugestivo exemplo de uma entidade abstracta, tão abstracta que frequentemente me diziam: «nunca deram a cara». Por outro lado, as «*brasileiras*», genericamente tomadas, tão-pouco correspondem a

qualquer realidade concreta. Que brasileiras? Por um crasso desvio metonímico, a parte (constituída pelas prostitutas) era confundida com o todo, originando mal-entendidos com qualquer turista brasileira que passasse por Bragança ou redondezas. Como frequentemente as visões de mundo se impõem através de uma espécie de força persuasória, os caminhos da pesquisa devem ser tomados como uma força dissuasória. Por isso avancei com um método de desvelamento de realidades ocultas, vestidas e revestidas de estereótipos e preconceitos.

(Recebido para publicação em dezembro de 2009.
Aceito em fevereiro de 2010)

Notas

1. Numa de minhas incursões por Bragança contei com a companhia do Prof. Dr. Ismael Pordeus, da Universidade Federal do Ceará, e da Dra. Roselane Bezerra, doutorada pela mesma Universidade. Assinalo a minha enorme gratidão pelo apoio que me deram nessa aventura por terras transmontanas, em que quase ficámos imobilizados (e regelados) em estradas cortadas por nevões.
2. Maria Filomena Mónica, «A Evolução dos Costumes em Portugal, 1960-1995», in António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Edição do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1996, p. 221.
3. *Id. Ibid.*, p. 219.
4. A. G. Molho de Faria, *Os Bailes e a Acção Católica*. Braga, 1938, p. 106.
5. Luís Vicente Baptista, «Os discursos moralizadores sobre a família», in António Reis (Direcção), *Portugal Contemporâneo*, Volume IV. Lisboa: Publicações Alfa, 1990, p. 359.
6. Fernando Calado e Orlando Bragança, *O Dito e o Feito. A História das Empresas de Bragança*. Bragança: Edição da Revista Amigos de Bragança, 1996, p. 8.
7. O Instituto Politécnico de Bragança foi criado em 1984 e o Instituto Superior de Línguas e Administração em 1985.
8. Armando Fernandes (coord.), *Contrastes e Transformações na Cidade de Bragança: 1974-2004*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2004.
9. Ver artigo “*When the meninas came to the town*”: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,517712-5,00.html>, 28 de Dezembro de 2003.

- 10 Consultaram-se os seguintes jornais e revistas, no período de 2003 a 2007: Visão, A Bola, Expresso, Jornal Nova Guarda, Correio da Manhã, Semanário Transmontano, Diário de Notícias, A Voz do Nordeste, Jornal Nordeste, Jornal de Notícias e Público.
- 11 Ver Maria de Fátima Bonifácio, *História da Guerra Civil da Patuleia, 1846-1847*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- 12 A «cana-de-açúcar» é aqui jogada como metáfora da doçura e das atitudes sedutoras (melíferas) atribuídas às moças.
- 13 Em Portugal, “chulo” designa o homem que vive à custa da mulher.
- 14 Digo provável, pois não tenho informações sobre a violência doméstica no período precedente. Nada nos garante que a violência conjugal não fosse igualmente elevada, apenas seria mais silenciada. Se esta hipótese tiver tradução na realidade, uma outra emerge como plausível: a enganosa culpabilização das prostitutas por maus-tratos que pouco têm de circunstanciais, dado serem habituais. Por outro lado, não deixa de ser relevante que enquanto os homens se estejam a utilizar das prostitutas para bater nas mulheres, estas se estejam a utilizar delas para justificar suas recorrentes surras. Além disso, eles denunciam para o mundo (mesmo através da voz do polícia graduado) os seus descontentamentos sexuais, enquanto elas denunciam para o mundo as sovas que apanham deles.
- 15 Proprietário de uma das mais conhecidas «casas de alterne» de Bragança. Entrevistei-o em sua casa, pois encontrava-se em prisão domiciliária. Entretanto, dando crédito a rumores que circulam, terá fugido para o Brasil. Foi o que me disseram quando em vão o procurei para uma nova entrevista.
- 16 A sua primeira edição terá sido publicada em 1499, com o título *Comedia de Calisto y Melibea*.
- 17 Mary Del Priore, *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 53.
- 18 Catherine Blackledge, *A História da V. Abrindo a Caixa de Pandora*. Lisboa: Lua de Papel, 2006, pp. 17-76 (1ª edição em Inglês: 2003).
- 19 João de Pina Cabral, *O Homem na Família. Cinco Ensaios de Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003, pp. 55-86.
- 20 Dito recolhido no relato de Eliane Azevedo, *Luísa. Uma Brasileira na Noite de Lisboa*. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 2007, p. 66.
- 21 Pênis de borracha afivelado por um cinto que se coloca à cintura.
- 22 Manuela Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Fernando Bessa Ribeiro e Octávio Sacramento, *Prostituição Abrigada em Clubes (Zonas Fronteiriças do Minho e Trás-os-Montes. Práticas, Riscos e Saúde*, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Coleção Estudos de Género, 3, Lisboa, 2005. A ideia aparece repetida naquele que considero ser um dos melhores estudos sobre a prostituição em Portugal: Manuela Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Johanna Schouten, Fernando B. Ribeiro, Octávio Sacramento, *Vidas na Raia. Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, pp. 384-391.
- 23 *Id. Ibid.*, p. 385.
- 24 Ver B. Weiner, *Achievement Motivation and Attribution Theory*, Morristown (N.J.), General Learning Press, 1974 e N. Dubois, *La Psychologie du Contrôle: Les Croyances Internes et Externes*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1987.
- 25 Os dados do Inquérito, coordenado por Pedro Moura Ferreira, foram apresentados num seminário realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, no dia 6 de Maio de 2008.
- 26 Aliás, os mais novos já nasceram numa sociedade sob o risco da AIDS e, por conseguinte, num contexto de propagação do uso dos preservativos.
- 27 Robert Nisbet *et al.*, *Cambio Social*. Madrid: Alianza Editorial, 1979 [1ª edição em Inglês: 1972].
- 28 Salvador Giner, «Descrédito de la verdad y banalización de la ideología. Notas de sociología cognitiva», in Arturo Rodriguez Morató (ed.), *La Sociedad de la Cultura*. Barcelona: Ariel, 2007, pp. 169-196.
- 29 Denise Jodelet (Ed.), *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, 1989.
- 30 Herbert Blumer, *El Interaccionismo Simbólico: Perspectiva y Método*. Barcelona: Hora, 1982 [1ª edição em Inglês: 1969].
- 31 Janice Raymond, *Women as Wombs. Reproductive Technologies and the Battle over Women's Freedom*. New York: Harper Collins, 1994.
- 32 Em 1963, a prostituição foi proibida em Portugal, passando a ser considerada crime punido com pena de prisão. Vinte anos depois, em 1983, a lei foi revogada e a prática da prostituição deixou de ser crime. Apenas se manteve a criminalização de quem fomenta a prostituição ou explore as prostitutas.
- 33 A. de Tocqueville, *L'Ancien Régime et la Révolution*. Paris : Gallimard, 1952, T. II, vol. 1, p. 69, cit. por Raymond Boudon, *O Lugar da Desordem*, Lisboa, Gradiva, 1990, pp. 26-27.
- 34 Ted Gurr, *Why Men Rebel?*, Princeton: Princeton University Press, 1970.